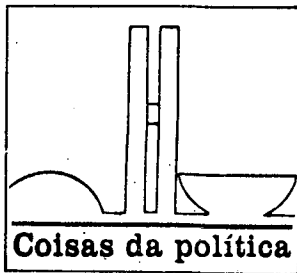


A equação Maluf

MALUF está para Tancredo assim como Andreazza esteve para Maluf. A equação, ditada por um dos principais mentores da campanha do candidato Tancredo Neves, tem uma lógica quase matemática e uma leitura muito simples. Paulo Maluf, dissidente da corrida à convenção do PDS, alimentava o fôlego de seu adversário Mário Andreazza, sempre classificado como o preferido "in pectore" do Presidente Figueiredo e, meio por osmose, do próprio regime. Agora, travestido em candidato do Governo, preserva o caminho que Tancredo trilha, calmamente, até o Colégio Eleitoral.



Em resumo: Maluf no páreo significa, para o tancredismo, a segurança de que o outro lado, tendo um candidato, não deverá reservar brincadeiras de mau gosto para tentar mudar as regras do jogo antes de sua partida final. Um raciocínio, portanto, muito semelhante ao engendrado pelo malufismo à época em que o presidenciável paulista não passava um mês inteiro sem dedicar pelo menos um elogio público a seu adversário Andreazza e guardava a sete chaves os números de sua vantagem real na convenção do PDS.

Tancredo já disse, em entrevista coletiva à imprensa, há pouco mais de um mês, que o perigo da desistência de Maluf é o impasse institucional. A declaração soou meio blefe, meio provocação, mas seus assessores admitem, agora, que estava longe disso. É claro que o resultado que prevêem para a equação Maluf é a vitória de Tancredo, mas toda a operação tem um cronograma lento, gradual, para não assustar Maluf e garantir sua resistência até o último minuto do jogo. Está aí, por exemplo, a resposta para as datas dos comícios oposicionistas. O primeiro foi em Goiânia, a 14 de setembro, e só um mês depois, na sexta-feira e no sábado, em Belém e Manaus, a dose foi repetida. O próximo será em João Pessoa, no dia 26, esticando para Campo Grande e Cuiabá logo depois, e os principais entre todos — no Rio e em São Paulo — encerrarão a campanha, no final de dezembro.

A operação inclui, ainda, a adesão em clima de festa dos governadores pedessistas. A de hoje, em Natal, confere a José Agripino Maia a audácia de ser o primeiro ex-andreazzista a anunciar sua opção pró-Tancredo. O segundo será na sexta-feira, dia 19, em Salvador, tendo como segunda estrela o Governador João Durval. Todas estas festas, com a gradação que cada situação estadual específica impõe, deverão ser essencialmente da Frente Liberal. Mas não está descartada a hipótese de, chegada a rotina, até essas nuances normais em alianças irem se desfazendo.

Como já há, de outro lado, um desejo sutil de que o paraibano Wilson Braga não deixe isolado Júlio Campos e vá mesmo para Maluf.

O tom dos comícios e das adesões tem obedecido, também, as regras da operação geral. No grande ensaio de Goiânia, foram catalogados, e depois trabalhados, todos os eventuais erros e exageros. E nas apresentações do Norte do país prevaleceu a moderação e o bom senso, analisaram seus próprios jogadores. Só falta agora convencer os aficionados no vermelho que as festas não têm times; são do enorme time mudancista, e que nem o PMDB, nem a Frente Liberal estão desenterrando dos baús suas bandeiras de 1982. Haverá bandeiras de sobra para 1986 e será duro demais que meia dúzia de panos vermelhos tremulando em multidões venha a sugerir o fantasma do "fato novo" a que o Ministro Jarbas Passarinho — numa linguagem de quem viveu os últimos 20 anos dentro dos palácios, mas torce por mudanças — se referiu num artigo publicado ontem pelo jornal **Correio Braziliense**. Só que Passarinho preferiu comentar uma outra bandeira: a da CUT (uma entidade não legalizada, como frisou), que foi hasteada no mastro do Congresso Nacional, na semana passada, em lugar da bandeira brasileira.

O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, não perdeu tempo. No sábado mesmo, antes de embarcar de Belém para Manaus, já se reuniu com o

Deputado federal Ademir Martins — um dos principais responsáveis pelo vermelho reprimido no comício de sexta-feira — para ter uma "conversinha". E esse tipo de conversa, não há dúvida, continuará ocorrendo, sempre sob o patrocínio de Ulysses, o mais gabaritado interlocutor das esquerdas do PMDB, não só por ser presidente do partido, mas também por ter sido o seu eco nas frentes de resistência ao regime, desde a época do MDB.

Pode estar na necessidade de preservar Maluf, também, o eterno adiamento dos debates de rádio e TV entre os dois candidatos. Pelo menos na versão dos tancredistas — que não admitem a avaliação de que Tancredo, para os ouvidos e olhos menos desavisados, perde — é impossível a raposa mineira levar um banho do empresário Maluf. Mas mesmo que isto ocorra, a tradição, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, é de que as pesquisas registrem não os resultados do debate, mas as opções previamente feitas no universo pesquisado. E, assim, o debate seria sempre um lucro para Tancredo. A justificativa para a escolha da segunda quinzena de dezembro, juram as fontes, é exatamente não desestimular de vez Maluf. Como este jamais desanimou Andreazza. A Oposição torce por Tancredo e torce para que o Governo tenha por quem torcer.